

A Personagem Feminina em *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir

Prof^a. Ms. Alinnie Santosⁱ (UFPA)
Prof^a Dr^a Marlí Tereza Furtadoⁱⁱ (UFPA)

Resumo:

O escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909 – 1979) além de publicar os dez romances que compõem o chamado Ciclo do Extremo Norte, escreveu o livro Linha do Parque (1959) sob encomenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB) do qual era membro. Esse romance, escrito aos moldes do Realismo Socialista – estética oficial da União Soviética (URSS) naquele período, que se estendeu também a vários outros países – narra as lutas dos operários na cidade de Rio Grande, (RS), no decorrer da primeira metade do século XX. Nessa obra, é perceptível o destaque dado às mulheres nas fábricas e nas reuniões da União Operária, as quais participam ativamente, em igualdade com os homens, do movimento operário retratado no livro. Este trabalho, portanto, objetiva analisar a importância das personagens femininas para o desenvolvimento de tal narrativa, dando destaque àquelas que tiveram grande participação nas lutas dos operários descritas no romance, refletindo também sobre as manifestações ideológicas que estão presentes na obra.

Palavras-chave: Personagens femininas, movimento operário, manifestações ideológicas, Dalcídio Jurandir

Introdução

O escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979) escreveu os dez romances que compõem o chamado **Ciclo do Extremo Norte – Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Marajó (1947), Três Casas e um Rio (1958), Belém do Grão Pará (1960), Passagem dos Inocentes (1963), Primeira Manhã (1967), Ponte do Galo (1971), Os Habitantes (1976), Chão de Lobos (1976) e Ribanceira (1978)**, os quais tematizam sobre a vida e o cotidiano na Amazônia paraense.

No entanto, sua trajetória literária não se limitou a esse conjunto de obras. Dalcídio escreveu textos para diversos jornais e revistas, tanto no Pará, como também no Rio de Janeiro, dentre os quais podemos destacar: **O Imparcial, O Estado do Pará e Crítica; revista Escola, Novidade, Terra Imatura e A Semana, O Radical, Diretrizes, Diário de Notícias, Voz operária, Correio da Manhã, Tribuna Popular, O Jornal, Imprensa Popular, revista Literatura, revista O Cruzeiro, A Classe Operária, Para Todos, Problemas e Vamos Ler.**

Além disso, por ser um militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), recebeu a incumbência deste de escrever um romance de temática proletária, sob os postulados do Realismo Socialista, estética oficial da União Soviética entre as décadas de 1930 e 1960, a qual pretendia divulgar os ideais socialistas e enaltecer o governo soviético e que se estendeu aos demais países por meio de seus partidos comunistas. O romance **Linha do Parque**, escrito nos anos iniciais da década de 1950 e somente publicado em 1959, foi o resultado da referida encomenda.

A obra narra a história do operariado na cidade de Rio Grande (RS) no período de 1895 a 1952, apresentando duas gerações de trabalhadores, uma que seguia as ideias anarquistas e outra que defendia o comunismo. Nessa narrativa, as mulheres operárias lideram e participam ativamente de greves e motins, tendo em vista melhores condições de trabalho e por salários mais dignos nas fábricas que trabalhavam. Por essa atividade, elas se colocam em pé de igualdade com os homens membros da União Operária, possuindo a mesma importância desses trabalhadores na organização do movimento operário.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo analisar as personagens femininas presentes no romance **Linha do Parque**, bem como sua importância no desenvolvimento da narrativa,

verificando qual o papel das mulheres no movimento operário retratado no romance, como também refletir sobre as manifestações ideológicas presentes nessa obra, além de investigar a postura ideológica de Dalcídio Jurandir em textos jornalísticos.

A Luta Operária rio-grandense nas páginas de um romance

Linha do Parque é o mais extenso romance escrito pelo romancista Dalcídio Jurandir. Encomendado pelo PCB, O romance proletário de Dalcídio Jurandir, no entanto, curiosamente, não agradou os dirigentes do Partido, os quais rejeitaram editar a obra que eles próprios haviam encomendado. O romance somente foi publicado alguns anos mais tarde, no final da década de 1950, por empreendimento do próprio escritor:

Mesmo os romances de encomenda tropeçaram na censura partidária e custaram a ser editados. Alina Paim e Dalcídio Jurandir tiveram que mudar os seus, várias vezes, por “inconveniências”. [...] **Linha do Parque** adormeceu anos nas gavetas dos dirigentes e permaneceu inédito até 1959, o que permitiu a Dalcídio elaborar a versão final sem os rigores do início da década. (MORAES, 1994, p. 162).

Essa obra, obviamente, não faz parte do **Ciclo do Extremo Norte** e destoa do restante de sua produção literária, primeiramente por não ser ambientada nem na capital paraense, nem na Ilha do Marajó – espaços recorrentes nos seus demais livros – como também pelo fato de o escritor abrir mão, em seu romance proletário, do seu estilo, da sua técnica narrativa e da densidade que atravessa os outros dez romances de sua autoria. Dessa forma, é como se o autor de **Linha do Parque** fosse outro escritor que não Dalcídio Jurandir, como foi percebido por Benedito Nunes (2009, p. 324):

Linha do Parque, está fora do ciclo, é uma outra escrita. Dalcídio não podia afinar com o realismo socialista, prescrito pelo Partido, sem trair seu sonho da juventude. E para não traí-lo ou trair-se fez-se outro escrevendo **Linha do Parque**. Sem pseudônimo. Outrou-se, como diria Fernando Pessoa, na criação de uma escrita romanesca diferente (...). O autor é aí uma outra personalidade literária, diferente. Um heterônimo.

Nessa obra, é narrada a história de duas gerações de trabalhadores que exerceram as suas atividades na cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, durante toda a primeira metade do século XX e aderiram aos ideais dos movimentos operários. A narrativa tem início com a chegada do espanhol Iglezias, em 1895, com o objetivo de espalhar suas “ideias” na América Latina. O espanhol, então, aproxima-se da União Operária e tenta divulgar o anarquismo entre os seus membros, apoiando a prática de motins e greves nas fábricas em que eles trabalhavam.

Os operários, mesmo sem compreender o anarquismo em sua plenitude, começam a realizar greves nos seus locais de trabalho, com destaque para a primeira paralisação mencionada na obra, feita exclusivamente por mulheres, para proteger uma das operárias que recebeu ameaças de ser suspensa de suas atividades na fábrica. Além disso, os membros da União Operária da cidade realizavam também manifestações nas ruas, exigindo melhores condições de trabalho, o que fez com que eles fossem presos e seus familiares perseguidos e vigiados pela polícia.

Após a fase anarquista, Ângelo, filho de Iglezias, continua o trabalho iniciado por seu pai, mas com algumas diferenças, pois o anarquismo nesse momento passa a ser questionado e criticado e as novas concepções socialistas passam a ser defendidas pelos participantes do movimento operário.

Essa divisão gerou dissensões entre os operários, mas o socialismo acabou por prevalecer na União Operária. O grande desfecho do romance é o “conflito da Linha do Parque” ocorrido no dia 1º de Maio de 1950, que deveria ter sido apenas uma passeata feita pelos operários, mas que se transformou em um confronto com a polícia, o qual culminou com a morte de alguns dos manifestantes.

Há de se salientar que durante o decorrer da narrativa, vemos a intensa presença de mulheres participando ativamente, em igualdade com os homens, no movimento operário retratado nessa obra, as quais quebram o estereótipo de apenas mãe e donas de casa, pois se dividem entre suas atividades domésticas e o trabalho nas fábricas para sustentar suas famílias. Elas realizam inúmeras greves, motins e manifestações, participando das atividades da União Operária, em busca de melhores condições de trabalho.

Para análise a seguir, devido ao grande número de personagens femininas que aparecem no romance, dividimos as personagens femininas dessa obra em dois grupos: as mulheres da primeira geração, que seguiam os ideais anarquistas e as mulheres da segunda geração, que defendiam as ideias comunistas. Neste trabalho evidenciaremos, na primeira geração, a atuação de Estela movimento operário. Na segunda geração, destacaremos a ação de Maria.

Estela e Maria: personagens femininas de *Linha do Parque*

Estela é uma das personagens que se destaca na primeira geração da narrativa. Ela é um exemplo de como as mulheres se dividiam entre os deveres domésticos e o trabalho na União Fabril. Das mulheres desse primeiro momento, ela é a única que é casada e tem uma família e, após a invalidez de Ernesto, seu marido, teve que trabalhar para poder sustentar a casa e os filhos.

Quando começa a frequentar a União Operária, passa a ser criticada, pois, apesar de todo seu esforço para cuidar de sua casa, ainda tinha que enfrentar o preconceito de seu próprio esposo:

Mulher casada sozinha por aí. No meio de anarquistas. O que vai sair dali! E se metendo no que há de pior na ralé. Em vez de procurar outro meio, visitar esta e aquela senhora, se mete no meio...

– No meio onde está o nosso compadre Luís Pinheiro, a nossa comadre Madalena que me salvou de perder oito dias na Fabril? O entevado mandava calar a boca. Nunca mais se metesse em histórias na fábrica.

– Fazes o serviço porco e queres reclamar contra uma punição justa? Ora, já se viu mulher metida em motim na fábrica. Isso é de senhoras? É de mães de família? Ou de vagabunda?(JURANDIR, 1959, p. 64).

Mesmo com o esposo impossibilitado de se locomover sozinho, Estela obedece-lhe cegamente, fazendo tudo o que ele ordena que ela faça. Após o primeiro motim, que culmina com o fim de sua suspensão, a tecelã se torna insubmissa ao marido, não aceitando mais suas imposições e críticas, principalmente sobre os lugares que ela devia frequentar, e passa, então, a participar com maior empenho das reuniões na União Operária.

Após o falecimento de Ernesto, Estela sente maior liberdade para ajudar nas greves e motins, não apenas participando dessas manifestações, como também auxiliando os trabalhadores envolvidos, com alimentação para eles e suas famílias. No motim dos estivadores, por exemplo, enquanto os anarquistas criticam a postura dos manifestantes, que recusam sua ajuda, a tecelã toma a frente e movimenta os outros companheiros para auxiliar os estivadores no porto:

Estela, levando o filho, correrá para o porto e falará com os estivadores. Acompanhada por Miguel e Euclides e sempre pelo filho, logo se dirigiu para a União, bateu as ruas em busca de Saldanha até que o encontrou descendo de uma escada à frente de um prédio, em novas obras. Contou: os coitados dos italianos estavam sem comida. Havia feito um motim. Um motim, repetia ela, com um espanto infantil e como saboreando a palavra. Um motim. E vamos arrumar ao menos macarrão. A gente faz uma subscrição. Luís tem a carroça. (JURANDIR, 1959, p. 136).

Pelo exemplo das companheiras, Estela também se sente capaz de organizar e liderar um motim ou até mesmo uma greve. Quando é demitida da União Fabril e começa a trabalhar na fábrica Ipiranga, lá também reivindica melhores salários, envolvendo outras operárias nessa manifestação:

O narrador sempre enaltece a ação de Estela nas fábricas, dando a ela o adjetivo de “leoa” (JURANDIR, 1959, p. 158), na tentativa de demonstrar como a tecelã se comportava em qualquer motim ou manifestação que se envolvesse. Um exemplo de sua coragem, é sua atitude diante do gerente da fábrica, quando sugere a ela que denuncie suas amigas e companheiras de trabalho como as responsáveis pela distribuição das listas que solicitavam o aumento de salário, a fim de manter seu próprio emprego:

– Minha comadre Madalena não tem responsabilidade sobre o caso. Não é preciso fazer intriga. Quem teve a cabeça das listas fui eu só. O senhor está escutando bem, tem os ouvidos limpos? Se o senhor soubesse o que é ser viúva, perder um filho no mar, tecer das 6 e meia às 6 e meia... o senhor não faria essa proposta canalha.

Parou, ofegante, espantada com as próprias palavras. O gerente já de pé, lívido. Os cantos da boca tremiam. Ela deu-lhe as costas. No meio da escada, voltou-se como transfigurada:

– E pensei ter medo. Sim. Mas ninguém teme os canalhas. (JURANDIR, 1959, p. 184)

Percebemos uma mudança no comportamento da tecelã. Se antes era submissa às ordens do seu marido, mesmo sendo maltratada por ele, agora, após participar do movimento trabalhista desenvolvido pela União Operária, começa a defender sua própria opinião e seus ideais, não somente diante do esposo, como também, como vimos no trecho acima, enfrenta até mesmo seus superiores na fábrica.

Estela também, após a morte de seu filho, e com o passar dos anos, começa a ser considerada como a mãe de todos os jovens operários que estavam começando a lutar nas fábricas. Para Miguel, por exemplo, ela era a sua mãe das ideias: “Tenho duas mães, dizia ele – uma por ter me dado a luz, e outra por ter me dado as ideias.” (JURANDIR, 1959, p. 182). A própria tecelã começa de fato a agir como mãe de todos os membros da União, como uma forma de suprir a ausência de seu filho:

É interessante evidenciar que o papel de esposa de Estela é questionado na obra, pois ela deixa de obedecer ao seu marido, agindo, assim, de maneira diferente da prática comum nos casamentos do início do século XX. A operária somente revoga a autoridade de seu esposo, por ele não concordar com o seu envolvimento na União Operária. Ou seja, se ele aprovasse seu envolvimento nessa causa, ela continuaria sendo submissa a ele. Dessa forma, para Estela esse trabalho era muito mais importante do que seu matrimônio.

No entanto, o seu papel de mãe é ratificado, porque com ele, Estela podia também desenvolver suas atividades em prol da causa que defendia, uma vez que a tecelã guia e educa o seu filho nos caminhos do movimento operário, e, depois da morte dele, transfere o seu cuidado maternal para os jovens trabalhadores.

Das mulheres que participaram do movimento anarquista, Estela é uma das únicas a aderir ao comunismo. Ela está presente na primeira reunião dos comunistas da cidade. Mesmo doente e envelhecida, a tecelã continua com ânimo para ajudar a causa operária, o que fez até a sua morte, uma semana depois do falecimento de Iglezias. Provavelmente por isso, ela é a personagem da primeira geração mais exaltada na narrativa.

Com o advento do comunismo entre os trabalhadores rio-grandenses, temos também a aparição de uma operária que se torna responsável por grande parte do desenvolvimento dos conflitos pessoais na obra, como também se transforma em um símbolo da luta operária: Maria, “uma operária miúda e ruiva da Fabril” (JURANDIR, 1959, p. 209). Ela é uma tecelã associada à União Operária e, posteriormente, membro do Partido Comunista e por isso, colabora em todas as atividades que essas duas organizações empreendem, juntamente com as outras mulheres comunistas.

Na greve geral que toma a cidade, Maria participa ativamente. Ela é uma das responsáveis por paralisar o trabalho das demais tecelãs na União Fabril. Quase à força ela tenta persuadir as companheiras de que a greve é a solução para os seus problemas na fábrica. Primeiramente, ela se sentiu derrotada por não ter conseguido convencer muitas trabalhadoras, mas, depois que as viu espalhadas pela Praça Tamandaré durante o discurso dos operários, sentiu-se triunfante, porque conseguiu influenciar suas colegas de trabalho para participarem da paralisação.

Além da movimentação dentro da fábrica, Maria também se envolve nas manifestações pelas ruas da cidade. Nessa passagem, a operária é descrita em um tom de exaltação, como se por estar envolvida nessa manifestação, se tornasse superior às outras pessoas que não tinham a intrepidez que agora ela possuía para atuar nas lutas do operariado. Nesse momento, a tecelã deixa de ser apresentada como um ser humano comum, com problemas e dificuldades, para ser vista como uma heroína da causa operária, ou ainda como o narrador a denomina, uma deusa da greve:

Caminhando para ela, com certa solenidade, Jerônimo, que vinha no meio dos metalúrgicos, lhe entregou uma bandeira.

– Maria, minha irmã. É tua. Leva.

A ruiva tecelã recebeu a bandeira, num olhar tranquilo para Jerônimo e passou a vista, com a mesma tranquilidade, pela multidão. (...). E Maria, ruiva e séria, como uma deusa da greve, colocou-se à frente do rio que veio descendo, agora mais largo, mais impetuoso e cheio das mais altas vozes da greve geral. (JURANDIR, 1959, p. 479-480).

Maria é um dos operários que morrem no conflito da Linha do Parque, um dos momentos finais do livro. Ao lado dos amigos comunistas, a tecelã comemora o 1º de Maio. Ela estava feliz, por estar festejando um dia bastante significativo para um operário. Quando há a sugestão de se fazer uma passeata até a sede da União Operária, Maria prontamente aceita participar da caminhada, segurando a bandeira do país. O narrador, nesse momento, exalta a imagem dessa operária caminhando pelas ruas, pois está ali não apenas por seus próprios interesses, mas representando os ideais de toda a classe trabalhadora:

Empunhando mais alto a bandeira, Maria caminhava na habitual tranquilidade, até mesmo alguém poderia dizer que ia solitária, isolada intimamente mas não. Parte anônima e essencial daquilo a que sempre pertenceu, era um ser espalhado por todos e todos reuniam nela a confiança, a fidelidade e a ação comum. (JURANDIR, 1959, p.527).

No momento de sua morte, provocada por um tiro na cabeça disparado por um dos policiais

durante o confronto, a personagem é descrita novamente com grandiosidade e em cenas rápidas e cheias de imagens comoventes, as quais apresentam o maior tom dramático de toda a obra:

Maria gritava: “Paz! Paz!” com a bandeira em punho, os brigadianos a empurrar os trabalhadores de costas para o muro do campo de futebol e do cemitério. Maria: Paz! Gritava. (...). Envolta na bandeira que empunhava, Maria caiu de costas, o sangue alto. Um oficial brigadiano tentou arrancar-lhe o pano ensanguentado mas uns “braçais” acudiram (...). naquele berreiro de fuga e pânico, socorro e cólera o combate se apertava ao pé dos muros e mal se ouvia um “Viva à classe...” sufocado no tiroteio (...).

Em meio das sombras e das últimas correrias e tiros ao acaso, Alice e Ângela acudiram a Maria, enquanto Euclides, pela mão de algumas mulheres e homens era arrastado, ferido para um portão. Ângela curvou-se sobre Maria, recompôs-lhe o vestido no leito da bandeira ensopada e sentou no chão e tentou trazê-la ao colo no inútil esforço de impedir que perdesse tanto sangue. Maria arquejava e sua cabeça, com os seus ruivos cabelos em desalinho, deslizou no braço da companheira. E nesse tempo tão breve e com uma noite tão de repente caindo, Ângela deixou-a no chão coberta pela bandeira e correu já ensanguentada, a fim de acudir os vivos, cuidar dos filhos, das moças, das crianças, ver os feridos que podiam ainda ter salvação. (JURANDIR, 1959, p. 528-529).

Nesse trecho, temos uma cena permeada de imagens contrastantes: a delicadeza de Maria, clamando por paz, contra a brutalidade dos brigadianos que empurravam os trabalhadores; os gritos de “viva à classe” dos manifestantes operários, que refletia a esperança que eles depositavam na causa dos trabalhadores, sendo abafados pelos tiros repressores da polícia; como também o vermelho do sangue da tecelã, manchando o verde e amarelo da bandeira nacional.

É interessante destacar que tanto na greve geral, como no conflito da Linha do Parque – dois momentos importantes do romance, pois retratam o movimento operário em ação – Maria participa das manifestações, segurando bem alto a bandeira do País, dando a entender que ela está empenhada na luta operária, não só por si mesma, mas representando todos os trabalhadores brasileiros.

Segundo Carlos Peres (2006), a personagem Maria foi inspirada na história real da tecelã riograndense Angelina Gonçalves. Essa operária nasceu no dia 7 de Março de 1912 e começou a trabalhar na Fábrica *Rheingantz* no dia 13 de Agosto de 1943. Angelina, participante da militância política da cidade, morreu nesse conflito¹. Em sua certidão de óbito está relatado que a sua morte foi causada por uma “fratura de base no crânio, com desorganização de substância nervosa, produzida por projétil de arma de fogo.”

Assim, ao trazer a operária Angelina para o mundo ficcional, Dalcídio nos reforça a apresentação do mundo da causa operária, suas lutas e desafios por melhores condições de trabalho. Maria funciona, nesse romance, como um emblema desse movimento, como uma representação do que alguém que segue os ideais socialistas é capaz de fazer para atingir os objetivos do Partido. Elevando essa personagem à posição de heroína do proletariado, o autor intencionava fazer com que o leitor se sentisse tocado pelas ações da tecelã e motivado a defender os mesmos ideais que ela.

¹ Luiz Henrique Torres (2009) menciona que, assim como aconteceu no romance de Dalcídio Jurandir, os trabalhadores rio-grandenses estavam comemorando esse dia na Linha do Parque, que era um local arborizado próximo aos trilhos do bonde, quando decidiram fazer uma passeata rumo a União Operária, que estava fechada pela polícia em função da suspeita de ser uma organização comunista. Próximo ao cemitério católico, os manifestantes entraram em confronto com a polícia, que resultou, segundo o historiador, em quatro mortos e diversos feridos. Entre os feridos, estava o vereador Antonio Recchia, que ficou paraplégico. Possivelmente o personagem Euclides, que também é gravemente ferido na obra foi inspirado nesse senhor. Em **Linha do Parque**, foram seis manifestantes que faleceram nesse embate. Os jornais da época noticiaram o fato, colocando a culpa do início do confronto nos manifestantes. O jornal **Rio Grande** do dia seguinte diz que os operários desacataram os policiais. (TORRES, Luiz Henrique. O Perigo Vermelho: Manifestações populares em Rio Grande (1952). Biblos (Rio Grande), v. 23, p. 261-278, 2009).

Conclusão

O autor paraense estava comprometido com as questões defendidas pelo Partido, tanto que esse comprometimento se desdobrou em seu trabalho literário com a publicação de tal romance. Essa obra também evidencia o posicionamento político-ideológico do escritor, uma vez que ele por meio de seu livro pode discutir e denunciar questões sociais relativas à situação da classe operária no Brasil.

As grandes responsáveis pelas manifestações por melhores condições do trabalho são, curiosamente, as mulheres operárias e não os heróis Iglezias e Ângelo. Essas trabalhadoras, não somente da geração anarquista, como também da comunista, participam ativamente das agitações nas fábricas e nas ruas. Além disso, a importância delas para o movimento operário é posta na obra como sendo igual aos dos homens.

Todas essas mulheres ou são trabalhadoras, ou estão ligadas ao movimento operário de alguma maneira, seja auxiliando seus maridos operários, seja participando das reuniões da União Operária, mas todas se encontram presentes nos protestos públicos mais importantes da obra, como a greve geral que acontece meses antes do “conflito da linha do parque”, mostrando o compromisso e a dedicação que elas tinham pelo movimento ao qual estavam filiadas.

Essas personagens de ambas as gerações demonstram o interesse do escritor Dalcídio Jurandir de, ao narrar a história do movimento operário na primeira metade do século XX, dar destaque à presença de mulheres nesse movimento, apresentando-as como participantes ativas nessa luta de classes, em pé de igualdade e importância com os homens. Além disso, a descrição da atuação dessas personagens possibilitava ao autor atingir seus objetivos de apresentar aos leitores o cotidiano e as lutas do movimento operário.

Referências Bibliográficas

- 1] BARBAT, Leandro Xavier. O Conflito da Linha do Parque: entre História e a Literatura. In: ALVES, Francisco das Neves; BAUMGARTEM, Carlos Alexandre (Orgs.) **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- 2] FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- 3] JURANDIR, Dalcídio. **Linha do Parque**. Rio de Janeiro: Vitória, 1959.
- 4] KONDER, Leandro. **A Democracia e os Comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- 5] LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2001.
- 6] MORAES, Dênis de. **O Imaginário Vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- 7] NUNES, Benedito, PEREIRA, Ruy, PEREIRA, Soraia Reolon. **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

- 8] NUNES, Benedito. Conterrâneos. In: _____. **A Clave do Poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- 9] PERES, Carlos Roberto Cardoso. **Linha do Parque, de Dalcídio Jurandir**: romance histórico, social e proletário (a gênese do movimento operário no Extremo Sul do Brasil). 161 fls. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2006.
- 10] TORRES, Luiz Henrique . O Perigo Vermelho: Manifestações populares em Rio Grande (1952). **Biblos** (Rio Grande), v. 23, p. 261-278, 2009.

i **Alinnie SANTOS, (Profa Ms.)**
Universidade Federal do Pará (UFPA)
alinnieoliveira@yahoo.com.br

ii **Marlí FURTADO, (Profa. Dra)**
Universidade Federal do Pará (UFPA)
marlitf@ufpa.br